

ta fase: A prosperidade do pós-guerra. Quinta fase: E agora, para onde? — A pós-maturidade em outros lugares: Antes de 1914. A década de 1920. A década de 1930. Após 1945. As relações de troca depois de duas guerras. Para além do consumo em massa.

VII — DESENVOLVIMENTO RUSSO E NORTE-AMERICANO 116

Um paralelismo extraordinário. As principais diferenças. A questão militar. A questão econômica. O *locus* do desafio.

VIII — AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO RELATIVO E A AGRESSÃO 130

A guerra na História moderna. O problema da soberania nacional. Três tipos de guerras. Colonialismo. Agressão regional. Lutas pelo equilíbrio euro-asiático de forças. A escolha da agressão. A fase seguinte: armas nucleares e maior disseminação da industrialização.

IX — AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO RELATIVO E O PROBLEMA DA PAZ 148

A revolução no armamento. A difusão do poder a longo prazo. O problema da paz. O interesse nacional russo. O problema de aceitação por parte de Moscou. O grande ato de persuasão. Para além da paz. Significado da difusão do poder para a Europa ocidental. Arrancos do passado e do presente. Semelhanças. Algumas diferenças relativas. Algumas vantagens relativas. Três conseqüências capitais para a política.

X — MARXISMO, COMUNISMO E ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO 173

As sete proposições marxistas. Semelhanças com a análise das etapas do desenvolvimento. Temas centrais das etapas do desenvolvimento. Perspectiva de Marx. A evolução do comunismo moderno. Comunismo: uma doença da transição. Uma declaração de valores.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO ORIGINAL

Ao pensar numa segunda edição de *Etapas do Desenvolvimento Econômico*, dez anos depois da primeira, ponderei a questão de rever o próprio texto. Por dois motivos decidi limitar as mudanças a este Prefácio e ao Apêndice, "As críticas e a evidência".

Primeiro, a estrutura analítica da argumentação.

Pelas razões apresentadas no Apêndice, não me sinto inclinado a alterar a abordagem básica às etapas de desenvolvimento; e acho que as evidências acumuladas na última década sobre o mundo passado e contemporâneo reforçaram no topo, não enfraqueceram o conceito de etapas de crescimento. Esta década foi extraordinariamente fértil em pesquisas sobre história econômica e no estudo do crescimento do mundo contemporâneo. Nem por um momento afirmaria que o texto seria idêntico caso fosse escrito agora. Existem dados e análises muito importantes que eu certamente levaria em consideração. Mas cheguei à conclusão que isso seria melhor feito num Apêndice do que numa reconstrução do texto.

Etapas de Desenvolvimento Econômico é um esforço de situar um problema muito amplo. Não é uma enciclopédia de história econômica. A tentativa de introduzir, no texto, os novos dados sobre várias nações e regiões do mundo alteraria seu caráter e propósito.

A despeito do calor de certos debates sobre as etapas de desenvolvimento, o âmago da controvérsia está numa diferença claramente técnica de visão: o crescimento deve ser analisado em termos de agregados amplos (como PNB, a proporção da renda investida, a proporção do PNB gerado nos setores pri-

mário, de manufaturas e de serviços, etc.)? Ou estes agregados devem estar ligados a movimentos nos setores e subsetores nos quais as novas tecnologias são realmente absorvidas com eficiência numa economia? Se adotamos a primeira visão, a periodização do arranco e das etapas subsequentes parecem vagas e impressionistas. Se adotamos a segunda visão — e estamos preparados para cavar os dados — as etapas aparecem com razoável clareza, tanto no passado como no mundo à nossa volta. (No número de março de 1970 do *Journal of Economic History* apliquei a abordagem das etapas à evolução de regiões e nações desde 1945, "The Past Quarter-Century as Economic History and the Tasks of International Economic Organization".)

O Professor Simon Kuznets liderou o ataque às etapas do desenvolvimento nesta questão do grau apropriado de desagregação; e, muito naturalmente, sua extraordinária competência como analista estatístico do crescimento influenciou outras pessoas. Mas nesta parte de minha obra, sou filho de seu casamento anterior. Foi seu *Secular Movements in Production and Prices* (1930) que, mais do que qualquer outra obra isolada, me pôs na direção da abordagem que há muito uso na análise do desenvolvimento; em sua vinculação com a abordagem essencialmente setorial e subsetorial, um historiador instintivamente se preocupa como o modo em que as coisas realmente aconteceram em determinados momentos e regiões do passado.

Esta passagem do *Secular Movements* de Kuznets (pp. 3-4, 5, e 10) sugerem sua conexão com a análise por etapas de crescimento:

Este quadro de desenvolvimento econômico sofre uma mudança curiosa quando examinamo-lo primeiro numa esfera bastante ampla, e depois numa mais estreita. Se tomamos o mundo a partir do século XVIII, desenrola-se diante de nós um processo de crescimento ininterrupto e aparentemente firme. Observamos uma incessante expansão da produção e do comércio, um constante crescimento no volume de energia utilizado, na extração de matérias-primas, na qualidade e quantidade de produtos finais.

Mas se destacamos as várias nações ou os distintos ramos da indústria, o quadro se torna menos uniforme. Em determinados períodos, algumas nações parecem ter dominado o mundo; em outros períodos, outras nações parecem ter sido as dominadoras. Algumas indústrias se desenvolveram mais rapidamente no início do século, e outras, no final. Dentro de certos países ou certos ramos industriais (em escala mundial) não ocorreu um desenvolvimento uniforme, sem atrasos. A Grã-Bretanha perdeu a liderança no mundo econômico porque seu crescimento, tão vigoroso no período 1780-1850, diminuiu. Foi ultrapassada pelos Estados Unidos e Alemanha, que se desenvolviam rapidamente. As indústrias têxteis que tiveram um crescimento tão espetacular no final do século XVIII e início do século XIX, cedeu lugar primeiro às fundições e depois às siderurgias, enquanto as indústrias elétricas assumiam a liderança na década de 80 e 90.

O quadro torna-se ainda mais variado se distinguimos as diferentes indústrias em suas unidades nacionais. O rápido desenvolvimento dos têxteis ingleses foi muito anterior ao dos têxteis americanos. A produção belga de carvão tinha quase atingido níveis estáveis no início do século XX quando a produção americana e alemã de carvão ainda mostravam um crescimento substancial. As indústrias dentro dos limites de um país freqüentemente mostram um atraso de desenvolvimento comparado seja com a indústria nacional como um todo, ou com a mesma indústria em escala mundial...

Quando observamos as várias indústrias num dado sistema nacional, vemos que a liderança no desenvolvimento passa de um ramo para outro. A principal razão para este deslocamento parece ser que uma indústria em rápido desenvolvimento não continua seu crescimento vigoroso indefinidamente, mas diminui o ritmo após certo tempo, e é ultrapassada por indústrias cujo período de rápido desenvolvimento chegou mais tarde. Em qualquer país observamos uma sucessão de diferentes ramos de atividades liderando o processo de desenvolvimento, e em cada indústria madura notamos um claro enfraquecimento na taxa de crescimento. Por exemplo, o vigoroso desenvolvimento da mineração de cobre nos anos 1880-1900 nos Estados Unidos não

prosseguiu sem enfraquecimento, nem a do aço após 1870-1900, nem a construção de ferrovias após 1830-1880...

Em muitas indústrias chega o momento em que as condições técnicas básicas são revolucionadas. Quando ocorre tais mudanças fundamentais, inicia-se uma nova era. Nas manufaturas é frequentemente o período em que os processos mecânicos primeiro suplantam o trabalho manual numa escala substancial. Nas indústrias extrativas ou é o momento em que as fontes e uso de uma mercadoria são descobertos (petróleo) ou quando uma nova e ampla aplicação é descoberta para uma mercadoria até então pouco usada. Como exemplos concretos de tais períodos, pode-se mencionar a década de 1780-90 para a indústria de algodão e produção de ferro na Grã-Bretanha, a década 1860-70 para o aço, a década dos 80 para a indústria do cobre, a década de 30 para a antracita, e de 40 para o carvão betuminoso nos Estados Unidos, a primeira e segunda décadas do século XIX para a fundição do zinco (Bélgica-Saxônia), os 60 para o petróleo (Estados Unidos) e a década dos 70 para o chumbo (Estados Unidos). Em todos estes casos observamos uma invenção ou descoberta revolucionária aplicada ao processo industrial que se torna o principal método de produção. Nossa geração foi a testemunha ocular de tais mudanças nas indústrias automobilística e de rádios.

Mas estas claras percepções — ligando a introdução de novas tecnologias e os caminhos nacionais da produção — não foram perseguidas por Kuznets nem por seus liderados. Devido à Revolução Keynesiana, a geração de uma base internacional de dados sobre renda nacional e sobre investimento, e a maneira pela qual a comunidade internacional escolheu organizar seus dados sobre produção (influenciada, talvez, pelos esforços pioneiros de Collin Clark), o estatístico enfrentou uma tentação e um dilema. A tentação foi a de mergulhar e explorar os dados facilmente acessíveis e capazes de organização com fins de comparações internacionais. O dilema é o de que tais dados não permitem facilmente que os analistas estatísticos, numa base internacional, dê em conta dos setores e subsetores onde as novas tecnologias efetivamente surgiram e de onde são gerados seus efeitos de difusão; pois todos concordamos que o crescimento moderno

está enraizado na difusão progressiva de novas tecnologias numa base eficiente. Em geral a tarefa analítica é perfeitamente possível numa base nacional, especialmente se os analistas estão preparados para usar séries temporais incompletas e dados não estatísticos. Mas a esse nível de desagregação não se pode gerar uma base estatística que permita elegantes comparações internacionais, especialmente para o passado histórico.

Não questionaria a decisão de outra pessoa sobre suas prioridades e sua estratégia de pesquisa; e todos nós somos ardentes consumidores dos dados agregados sobre crescimento mobilizados por Kuznets. Mas lamento que Kuznets tenha abandonado seus primeiros enfoques. (Que, aliás, foram partilhados no início da década de 30 por Walther Hoffmann e Arthur F. Burns.) E, como o Apêndice tenta deixar claro, acho que eles estão ressurgindo nos estudos históricos e contemporâneos, estatísticos e não estatísticos; por exemplo, algo semelhante à seqüência de complexos setoriais *chave surge* da obra de Hollis B. Chenery e Lance Taylor, "Development Patterns: Among Countries and Over Time", *The Review of Economics and Statistics*, Novembro de 1968, pp. 405-12. Como este processo de unir os agregados e a análise setorial está ainda em meio do caminho — nas análises de crescimento estatísticas e de contas nacionais — estamos, creio eu, nos aproximando quanto a esta questão central. Portanto, o Apêndice não é um documento polêmico, mas um esforço de encontrar o terreno comum e de estreitar, e não ampliar, as diferenças de visão.

Entretanto, reafirmo o que disse antes: Sem a desagregação apropriada, o estudo do crescimento é *Hamlet* sem o Príncipe, ou tocar piano e fazer tricô ao mesmo tempo. Não há dúvida de que precisamos dos grandes agregados; e todos devemos muito a Clark, Kuznets, Chenery, e outros que analisaram padrões nesses agregados. Mas como historiador e estudioso do crescimento das nações contemporâneas, ricas e pobres, tenho certeza que temos muito trabalho incompleto pela frente, para relacioná-lo de maneira ordenada aos setores em que ocorre a conexão crítica de tecnologia e produção de modo que a análise do crescimento moderno passa se tornar, no dizer de Warren Weaver, um campo de "complexidade organizada".

Em retrospecto, reconheço que este ponto devia ter ficado mais claro na primeira edição de *Etapas de Desenvolvimento Econômico*. Como se tratava de um livro pequeno, limitei a apresentação do problema a cerca de quatro páginas no final do Capítulo 2, intituladas "Uma Teoria Dinâmica da Produção". Fiz referências em notas de rodapé a meu trabalho anterior sobre o papel da análise setorial no estudo do crescimento, no qual se baseou esta passagem: *The Process of Economic Growth* (Oxford, 1953 e 1960); e "Trends in the Allocation of Resources in Secular Growth", capítulo 15 de *Economic Progress*, Leon H. Dupriez, org., com a assistência de Douglas C. Hague (Louvain, 1955). Evidentemente, isto não é suficiente para deixar clara a questão; mas não estou certo de que um debate longo e penoso teria sido mais esclarecedor, dados os interesses intelectuais e as resistências em jogo.

Uma razão para a resistência à abordagem por etapas é que ela nega ao analista estatístico o uso fácil, em sã consciência, do PNB *per capita* como medida de crescimento. Se se tomar como medida básica de crescimento o grau de absorção eficiente de tecnologias (como deve ser), pode-se ter países relativamente ricos e relativamente pobres na mesma etapa de desenvolvimento, dependendo das relações população/recursos, capacidades de exportação, turismo, ajuda externa, etc. A Argentina, por exemplo, no momento do arranco era muito mais rica que a Índia; o Canadá era mais rico que a Rússia. Além disso, como o consumo em massa depende da renda *per capita* (e da elasticidade renda da demanda), pode-se ter nações que passem para aquela etapa antes de absorverem completa e eficientemente as tecnologias que se aplicam às suas versões de maturidade tecnológica; por exemplo, Austrália, Canadá, e na margem extrema, o Kuwait.

Teria sido consideravelmente mais fácil para todos nós se o PNB *per capita* (ou alguma medida equivalente de renda) pudesse ter sido usado para definir as etapas de desenvolvimento. E existem, como o Apêndice mostra, padrões médios em sociedades adequadas a tais medidas. Mas sem transpor o véu dessas médias e sem perceber a extensão em que as tecnologias são absorvidas eficientemente em casos particulares, esta-

mos usando um instrumento cego e produzindo algumas vezes resultados enganosos.

De qualquer forma, tudo que aprendi sobre desenvolvimento na década passada convença-me de que a abordagem setorial, desagregada, incorporada em *Etapas* é sólida. E uma grande proporção do debate sobre *Etapas* centra-se nesta questão, que é examinada, juntamente com outros aspectos do debate, no Apêndice.

II

Um segundo fator levou-me a limitar a revisão de *Etapas* a este Prefácio e ao Apêndice. Este livro é tanto um esforço científico como um documento de época. Escrevendo no final da década de 50, fiz com que os instrumentos que ele incorpora se referisse a várias questões específicas que preocupavam muitos de nós naquele tempo:

Quais eram os problemas e possibilidades para a América (e outros países ricos) além do alto consumo de massa?

Quais eram as perspectivas de crescimento na União Soviética e o significado das taxas de crescimento relativas E.U.A.-U.R.S.S.?

Quais eram as perspectivas para as relações E.U.A.-U.R.S.S., à medida em que a marcha das etapas de desenvolvimento forçasse uma difusão parcial de poder de Washington e Moscou?

Quais eram as perspectivas de se afastar da Guerra Fria para uma paz estável neste mundo de poder difuso?

Quais eram as perspectivas nas regiões em desenvolvimento do Hemisfério Sul; como se relacionam com os problemas de paz; e que devemos nós, do desenvolvido Hemisfério Norte, fazer para auxiliá-los?

Ao avaliar se as partes do texto referentes a estas questões deveriam ser revisadas, coloquei duas questões: Em retrospecto, as análises das questões foram falhas? Estes problemas mudaram, em forma e conteúdo, na última década?

Não vou longe ao especular sobre a vida além do consumo de massa, exceto para levantar um certo número de questões que os homens, as sociedades e os governos teriam de responder quando se voltassem para explorar novas fronteiras (pp. 24; 25; 112-5; 185-6). Além de colocar as questões, a contribuição fundamental para a argumentação neste ponto foi a afirmação de que o complexo setorial automóveis-bens de consumo durável tinha perdido na década de 50 a capacidade de liderar o crescimento americano. Uma década mais tarde, acredito que este ponto esteja claro. (Incidentalmente, a ênfase dada nestas passagens à elevação de pós-guerra na taxa de natalidade americana foi negada, de certa forma, por seu declínio na década de 60.)

Quanto à taxa de crescimento soviético, a análise setorial (pp. 126-127) mostrou-se de grande ajuda; e o aviso — “cuidado com as projeções lineares” — legítimo. Como previsto — e a previsão era bastante controversa na época — a taxa de crescimento soviética desacelerou-se na década de 60. A questão de se, como e a que ritmo a U.R.S.S. deveria se mover no sentido do complexo automóveis-consumo durável tornou-se uma questão central de política em Moscou, simbolizada pela decisão de instalar a fábrica Fiat na União Soviética.

A prevista difusão de poder além de Washington e Moscou ocorreu na década de 60 — com a crise dos mísseis de Cuba e seu resultado (e a relacionada exacerbação no conflito sino-soviético). Os Estados Unidos e a União Soviética moveram-se de modo a limitar a amplitude desta difusão através do tratado de não proliferação que, por sua vez, impôs certas restrições às duas grandes potências nucleares, que terão de ser honradas para que a proliferação nuclear se restrinja aos atuais e perigosíssimos limites.

Em certos pontos a difusão de poder levou Moscou e Washington a um paralelismo (por exemplo, a guerra Índia-Paquistão de 1965) e encorajou movimentos limitados no sentido da normalização das relações E.U.A.-U.R.S.S. Mas permanecem ainda perigosas divergências no Sudeste da Ásia e no Oriente Médio. A década de 60 não assistiu ao final da guerra fria, apesar de claramente ter visto um processo de tran-

sição que se afasta dos padrões bastante simples dos tempos de Stálin, por exemplo.

Finalmente, a comunidade política mundial respondeu em grau significativo na década de 60 ao desafio do desenvolvimento nas regiões sul do mundo, levando aos consórcios Índia-Paquistão, à Aliança para o Progresso, e ao conceito amplo da Década do Desenvolvimento. De maneira alguma todas as nações em desenvolvimento alcançaram crescimento auto-sustentado na década de 60, ou mesmo alcançaram o arranco. Mas o progresso foi suficiente, em cada uma das regiões em desenvolvimento, para demonstrar que o trabalho poderia ser feito se se diminuíssem as taxas de natalidade e se pudesse garantir apoio adequado das nações mais avançadas. Em todas as regiões existem agora exemplos de progresso econômico e social rápido e bastante regular, conduzido com lealdade às culturas nacionais, e num ambiente de independência política, ligado a ambições definidas nacionalmente. Mas como sugere o Relatório Pearson (*Partners in Development*, 1969) e outros estudos, a tarefa ainda está incompleta; e a agenda para o desenvolvimento para a década de 70 continua repleta.

Sem supor de maneira alguma qualquer onisciência, acredito que a visão do mundo contemporâneo decorrente das etapas de desenvolvimento no final da década de 50 não se mostrou errônea; mas, evidentemente, uma década depois sabemos mais do que então, e há muito a ser dito sobre estas questões.

Minha contribuição à sua análise, até 1970, está incorporada em outro livro, *Politics and the Stages of Growth*.

Imediatamente após terminar *Etapas*, no início de 1959, decidi elaborar mais suas dimensões políticas. Há muito venho me interessando pela inter-relação entre política e economia, mas conscientemente limitei o tratamento da política neste livro. Como afirmei no Prefácio da Primeira Edição, encaro este livro como “uma teoria sobre o desenvolvimento econômico e uma teoria mais geral, se bem que ainda muito parcial, sobre a história moderna como um todo.” Com a publicação de *Politics and the Stages of Growth*, tentei ampliar a perspectiva de minha contribuição à história moderna como um todo.

Por estas razões, então, os capítulos 6-12 ficarão como foram escritos; e o leitor, se interessado, terá de se dirigir a outra parte para as observações que eu faria agora sobre o assunto destes capítulos.

W. W. ROSTOW

Austin, Texas
Junho de 1970

PREFÁCIO

ESTE livro é o fruto de um esforço ao mesmo tempo altamente espontâneo e longamente protelado.

Sua causa imediata foi uma série de conferências preparadas e apresentadas na Universidade de Cambridge, durante o outono de 1958. Enquanto me achava lá, num ano de licença concedido pelo M. I. T., fui convidado pela Faculdade de Economia e Política a expor opiniões a respeito do "Processo de Industrialização" para um auditório de estudantes universitários. Este livro surgiu diretamente do empenho para corresponder àquele convite, trazendo ainda as marcas da sem-cerimônia e do caráter não-técnico de tais conferências.

Por outro lado, o livro atende, pelo menos ad interim, a uma decisão tomada quando eu próprio ainda era um estudante na Universidade de Yale, nos meados da década de 1930. Naquela época, resolvi devotar-me profissionalmente a dois problemas: o problema relativamente restrito de levar a moderna teoria da Economia a entrosar-se com a História Econômica; e aquele, mais lato, de correlacionar as forças econômicas com as forças políticas e sociais nas atividades de sociedades integradas. Desde então, como aluno e como professor, tenho-me dedicado a esses dois propósitos.

Especificamente, julguei insatisfatória a solução de Marx para a questão do encadeamento do comportamento econômico e não-econômico — bem como as soluções de outros que nela se engajaram — embora não me sentisse, então, preparado para oferecer uma alternativa. No decurso dos anos, explorei facetas de suas relações mútuas: em trabalho acerca da Grã-Bretanha no século XIX; ao ensinar História dos Estados Unidos em Oxford e Cambridge; em estudos atinentes à Rússia, à China e aos Estados Unidos de nossos dias; e ao aperfeiçoar pontos de vista gerais.

relativos ao processo do desenvolvimento econômico. Ademais, a experiência intermitente com problemas de política militar e exterior aduziu mais esclarecimentos. Este livro unifica o que aqui aprendi, partindo de todas essas direções, quanto ao problema central.

As opiniões aqui apresentadas poderiam ter sido mais buriladas, em um tratado de tipo mais convencional, com maior extensão, pormenor e sutileza profissional. Contudo, talvez haja certa virtude em expressar novas idéias de maneira resumida e simples para um público inteligente não-especializado. Há artifícios de obscurantismo e tentações para desviar-se da rota que são denegados ao professor universitário. De qualquer maneira, devo muito aos estudantes entusiastas e interessados de Cambridge, que assistiram a minhas conferências e cuja reação deu ao empreendimento um toque de autêntica aventura intelectual.

O capítulo IV é em grande parte uma transcrição, com certas supressões, do artigo "O Arranco para o Crescimento Autônomo", publicado no *Economic Journal* de março de 1956, e aqui incluído com a amável aquiescência dos diretores.

Sou igualmente devedor a outras pessoas, em Cambridge e alhures, que fizeram comentários sobre este corpo de idéias. Dejo agradecer, em particular, a Lawrence Barss, Kenneth Berrill, Denis Brogan, Richard Goodwin, Richard Hofstadter, Richard Kahn, Albert Kervyn, W. J. Macpherson, Gunnar Myrdal, M. M. Postan, E. A. Radice, C. Raphael, Sir Dennis Robertson, Joan Robinson, George Rosen, P. N. Rosenstein-Rodan, Arthur Schlesinger Sr., Charles Wilson e à redação de *The Economist* pelas observações que, aceitas de todo ou não, mostraram-se extremamente valiosas.

Tenho uma dívida muito especial e muito grande para com minha esposa, Elspeth Davies Rostow. Quando eu estava trabalhando, durante o verão de 1957, em um estudo da recente política militar e exterior norte-americana, ela insistiu em que era mister apelar para a intuição que nos confere o estudo da *História Econômica*. Foi a partir dessa exortação, e do prolongado diálogo que se seguiu, que pela primeira vez apareceram, nos devidos lugares, todas as etapas do desenvolvimento, bem como algumas das aplicações contemporâneas aqui expostas nos capítulos VII a IX.

Uma dívida mais longa e esparsa é a que tenho para com meus colegas do M. I. T., que generosamente comentaram vários trechos desta argumentação, à medida que foram sendo formulados e, sobretudo, aos estudantes do meu seminário de bacharéis em *História Econômica*, que funciona desde 1950, os quais participaram ativamente da criação desta estrutura de idéias.

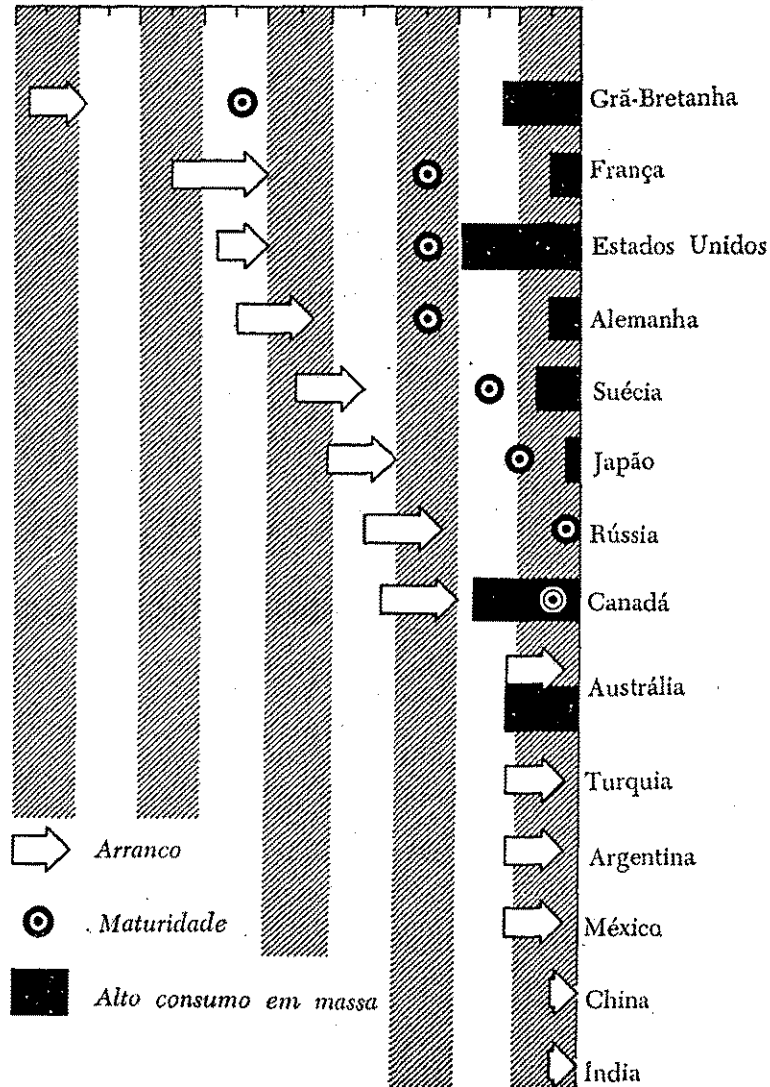
A preparação deste livro se tornou a um só tempo fácil e agradável em virtude dos recursos postos à minha disposição pela Faculdade de Economia e Política de Cambridge e pela diretoria da Biblioteca Marshall. Sua boa vontade em ajudar um professor visitante, em meio a responsabilidades urgentes, é inesquecível.

Finalmente, quero agradecer às autoridades do M. I. T., que me concederam um ano de licença, e à *Corporação Carnegie*, que ofereceu a liberdade e os recursos de Subvenção para um Ano de Reflexão. Não é fácil, na atual vida universitária, encontrar ambiente na formulação de uma única linha de raciocínio.

W. W. Rostow

Biblioteca Marshall
Cambridge, março de 1959

1780 1800 1820 1840 1860 1880 1900 1920 1940 1959



0,30

(2)

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

ESTE livro apresenta uma generalização da marcha da História moderna feita por um historiador da economia. A forma de tal generalização é um conjunto de etapas de desenvolvimento.

Aos poucos, cheguei à conclusão de que é viável e, para determinados fins limitados, útil decompor a história de cada economia nacional — e por vezes a de regiões inteiras — de acordo com este conjunto de etapas. Elas constituem, no fim de contas, tanto uma teoria sobre o desenvolvimento econômico quanto uma teoria mais geral, embora ainda consideravelmente parcial, sobre a totalidade da História moderna.

Todavia, qualquer maneira de encarar as coisas que ela procura abranger — digamos, aspectos significativos da Grã-Bretanha dos fins do século XVIII e a Rússia de Khrushchey; o Japão do período Meiji¹ e o Canadá do surto ferroviário anterior a 1914; os Estados Unidos de Alexander Hamilton e a China de Mao; a Alemanha de Bismarck e o Egito de Nasser — qualquer esquema assim, para sermos moderados, tende a sofrer certas limitações. Nunca será demais salientar, desde logo, que as etapas de desenvolvimento são um modo arbitrário e restrito de encarar a seqüência da História moderna, e que não são, em qualquer sentido absoluto, uma forma exata. Elas se destinam, com efeito, a dramatizar não as meras uniformidades na marcha da modernização, mas também — e igualmente — a exclusividade da experiência de cada nação.

Como Croce disse, ao discutir as limitações do materialismo histórico: "... se bem que seja possível reduzir a conceitos gerais os fatores particulares da realidade que aparecem na História... não é possível compor em conceitos gerais o complexo

¹ De 1868 a 1912. (N. do T.)

total único formado por esses fatores".² Assim, interessar-nos-emos por certos "fatores particulares da realidade" que parecem ser constantes através da História do mundo moderno desde aproximadamente 1700.

Tendo aceitado e salientado a natureza limitada do empreendimento, deve notar-se que as etapas do desenvolvimento se destinam a lidar com uma faixa bastante extensa de problemas.

- Perguntas de todo*
- ① Quais os impulsos que levaram as tradicionais sociedades agrícolas a iniciar o processo de sua modernização? Quando e como o desenvolvimento regular se tornou um traço inerente a cada sociedade?
 - ② Que forças impulsionaram a marcha do desenvolvimento automático e determinaram sua configuração?
 - ③ Que traços sociais e políticos comuns do processo de desenvolvimento podem ser percebidos em cada etapa?
 - ④ Em que direções a originalidade de cada sociedade se expressou em cada etapa?
 - ⑤ Que forças determinaram as relações entre as áreas mais desenvolvidas e as menos desenvolvidas; e qual a relação, se é que houve, da seriação relativa do desenvolvimento com a irrupção de guerras?
 - ⑥ E, por fim, para onde nos estão levando os juros compostos?³ Estarão levando-nos para o comunismo; para os opulentos subúrbios, elegantemente refinados com o capital social básico; para a destruição; para a Lua, ou para onde?

As etapas de desenvolvimento se destinam a enfrentar esses temas e, visto constituírem uma alternativa para a teoria de Karl Marx sobre a História moderna, reservei o último capítulo para uma comparação entre o seu modo de ver as coisas e o meu.

Uma coisa, entretanto, deve ficar clara: conquanto as etapas de desenvolvimento sejam um método econômico de encarar sociedades integradas, em nenhum sentido implicam que os mundos da política, da organização social e da cultura sejam uma simples superestrutura construída sobre a economia e oriunda exclusivamente dela. Pelo contrário, aceitamos, desde logo, a noção a que Marx, no fim, voltou as costas, e que Engels estava disposto a admitir de todo o coração já em sua velhice, qual seja a de que

² Benedetto Croce, *Historical Materialism and the Economics of Karl Marx*, tr. C. M. Meredith (Londres), págs. 3-4.

³ Essa expressão é empregada como uma forma sintética de sugerir que o desenvolvimento normalmente se processa numa progressão geométrica, tal e qual uma conta bancária popular quando se deixam os juros acumularem-se ao capital.

Impulso animal

as sociedades são organismos interatuantes. Embora seja verdade que a mudança econômica tem conseqüências políticas e sociais, a mudança econômica propriamente dita é aqui olhada como a conseqüência de forças políticas e sociais, tanto quanto de forças estritamente econômicas. E, em termos de motivação humana, muitas das mais profundas mudanças econômicas são encaradas como decorrentes de motivos e aspirações humanos que nada têm de econômicos. O estudante do desenvolvimento econômico nunca deve olvidar a asserção de Keynes: "Se a natureza humana não se sentisse tentada a arriscar-se sem qualquer satisfação (exceto o lucro) a construir uma fábrica, uma estrada de ferro, uma mina ou uma fazenda, talvez não houvesse muitos investimentos só devido a um calculismo frio."⁴

A explanação principia com uma definição impressionista das cinco etapas de desenvolvimento mais importantes e um enunciado resumido da teoria dinâmica da produção que constitui a ossatura dessas etapas. Os quatro capítulos seguintes apreciam mais analiticamente, e exemplificam com casos de História e da experiência contemporâneas, as etapas posteriores à sociedade tradicional: o período das precondições, o arranco, a maturidade e o período de difusão maciça de produtos duráveis de consumo e serviços.

O capítulo VII examina comparativamente os padrões de desenvolvimento da Rússia e dos Estados Unidos no último século, uma questão que é não só de interesse histórico como contemporâneo.

O capítulo VIII aplica as etapas de desenvolvimento ao problema da agressão e da guerra, até os primeiros anos da década de 1950, ou seja, o problema comumente suscitado sob a rubrica do Imperialismo.

O capítulo IX prossegue com essa análise da relação entre o desenvolvimento e a guerra, projetando-a no futuro e considerando a natureza do problema da paz, examinado sob o ponto de vista das etapas de desenvolvimento.

E, afinal, no capítulo X estudamos explicitamente a relação entre as etapas de desenvolvimento e o sistema marxista.

Ora, quais são, pois, essas etapas de desenvolvimento?

⁴ *General Theory*, pág. 150.

CAPÍTULO II

AS CINCO ETAPAS DO
DESENVOLVIMENTO — UM SUMÁRIO

É POSSÍVEL enquadrar todas as sociedades, em suas dimensões econômicas, dentro de uma das cinco seguintes categorias: a sociedade tradicional, as condições para o arranco, o arranco, a marcha para a maturidade e a era do consumo em massa.

A) Sociedade Tradicional

Primeiramente, temos a sociedade tradicional. Uma sociedade tradicional é aquela cuja estrutura se expande dentro de funções de produção limitadas, baseadas em uma ciência e tecnologia pré-newtonianas, assim como em atitudes pré-newtonianas diante do mundo físico. Newton é aqui tomado como um símbolo daquele divisor de águas da História após o qual os homens passaram a crer, de maneira predominante, que o mundo exterior estava sujeito a umas quantas leis cognoscíveis e que era suscetível de manipulação produtiva sistemática.

O conceito de sociedade tradicional, todavia, não é de forma alguma estático, nem exclui aumentos do volume da produção. A área pode ser dilatada; algumas inovações técnicas ad hoc (amplitude inovações altamente rendosas) podiam ser introduzidas no comércio, na indústria e na agricultura; a produtividade podia crescer, por exemplo, com o melhoramento das obras de irrigação ou a descoberta e propagação de uma nova colheita. O fato central, contudo, no que toca à sociedade tradicional, era que existia um teto no nível alcançável do volume da produção per capita. Esse teto se originava do fato de as potencialidades

inerentes à ciência e à tecnologia modernas não estarem ainda disponíveis ou não serem regular e sistematicamente aplicadas.

Tanto no passado recuado quanto em tempos recentes, a história das sociedades tradicionais foi, por isso, uma série de mudanças ilimitadas. A área e o volume do comércio dentro delas e entre elas flutuavam, por exemplo, conforme a turbulência social e política, a eficiência do governo central, o bom estado das vias de comunicação. A população — e, dentro de certos limites, o nível da vida — subia e descia não só de acordo com a seqüência das colheitas, mas igualmente conforme a incidência das guerras e das pragas. Surgiram diversos graus de manufatura; porém, como na agricultura, o nível da produtividade foi limitado pela existência da ciência moderna, assim como de suas aplicações e da atitude mental que cria.

Falando de um modo geral, essas sociedades, devido à limitação de sua produtividade, tinham de dedicar uma proporção extremamente elevada de seus recursos à agricultura; desse sistema agrícola, originava-se uma estrutura social hierarquizada, com âmbito relativamente reduzido — mas sempre havendo algum — para a mobilidade vertical. Os vínculos de família e de clã exerciam importante papel na organização social. O sistema de valores dessas sociedades estava sincronizado geralmente com o que poderíamos chamar de fatalismo a longo prazo; ou seja, com a suposição de que a gama de possibilidades abertas para os netos da gente seria a mesma que existira para nossos avós. Contudo, aquele fatalismo a longo prazo não excluía a opção a curto prazo de, dentro de amplos limites, ser perfeitamente lícito e possível ao indivíduo esforçar-se por melhorar sua sina, ainda em sua vida. Nas aldeias chinesas, por exemplo, feria-se uma luta interminável para adquirir ou evitar perder terras, produzindo uma situação em que as terras raramente permaneciam na mesma família durante um século.

Conquanto o poder político central — sob uma ou outra forma — muitas vezes existisse em sociedades tradicionais, transcendendo a regiões relativamente auto-suficientes, o centro de gravidade do poder político geralmente ficava nas regiões, nas mãos dos que detinham a posse ou o controle da terra. O proprietário de terras mantinha influência flutuante, porém comumente profunda, sobre o poder político existente, apoiado por

seus funcionários civis e soldados, inspirado por atitudes e controlado por interesses que ultrapassavam as regiões.

Em termos de História, pois, com o nome "sociedade tradicional" nós englobamos todo o mundo pré-newtoniano; as dinastias da China; a civilização do Oriente Médio e do Mediterrâneo; o mundo da Europa medieval. E ainda adicionamos as sociedades pós-newtonianas que, por certo tempo, permaneceram intatas ou indiferentes à nova capacidade do homem para manipular regularmente o meio ambiente tendo em vista seu proveito econômico.

Incluir todas essas infinitamente diversas e mutáveis sociedades em uma categoria única, alegando que todas compartilharam um mesmo teto de produtividade de suas técnicas econômicas, é de fato dizer muito pouco. Mas, afinal de contas, estamos apenas abrindo caminho para chegar ao assunto deste livro, qual seja o das sociedades pós-tradicionais, em que cada uma das principais características da sociedade tradicional foi alterada de maneira tal a permitir o desenvolvimento regular: sua política, sua estrutura social, e (até certo ponto) seus valores, assim como sua economia.

As Precondições para o Arranco

A segunda etapa do desenvolvimento abarca sociedades em pleno processo de transição; isto é, o período em que as precondições para o arranco se estabelecem, posto que leva tempo para transformar uma sociedade tradicional de molde a poder ela explorar os frutos da ciência moderna, para afastar os rendimentos decrescentes e, assim, desfrutar as bênçãos e opções abertas pela acumulação dos juros compostos.

As precondições para o arranco se desenvolveram pela primeira vez, de forma bem acentuada, na Europa Ocidental do fim do século XVII e início do XVIII, à medida que as concepções da ciência moderna principiaram a se converter em novas funções de produção, tanto da agricultura quanto da indústria, num ambiente dinamizado pela expansão paralela dos mercados mundiais e pela concorrência internacional por estes. Não obstante, tudo que se oculta por trás da decomposição da Idade Média diz respeito à criação das precondições para o arranco na Europa

vetores que
mudaram
mundo

mudanças
no mundo
de adição
de fatores

Caro endogeno

ocidental. Entre os Estados do Oeste da Europa, a Grã-Bretanha, favorecida pela geografia, pelos recursos naturais, pelas possibilidades comerciais, pela estrutura social e política, foi a primeira a desenvolver amplamente tais condições prévias.

O caso mais geral da História moderna, entretanto, viu a fase das precondições surgir não endogenamente, mas provindo de uma intromissão externa por sociedades mais adiantadas. Essas invasões — literais ou figuradas — abalaram a sociedade tradicional e iniciaram ou aceleraram seu desmoronamento; elas, porém, igualmente puseram em movimento idéias e sentimentos que originaram o processo graças ao qual uma alternativa moderna para a sociedade tradicional pôde ser construída a partir da antiga cultura.

Dissemina-se a idéia de que não só é possível o progresso econômico, mas também que ele é condição indispensável para uma outra finalidade considerada benéfica: seja ela a dignidade nacional, o lucro privado, o bem-estar geral, ou uma vida melhor para os filhos. A educação, pelo menos para alguns, amplia-se e modifica-se a fim de atender às necessidades da moderna atividade econômica. Aparecem novos tipos de homens de empresa — na economia privada, no governo ou em ambos — dispostos a mobilizar economias ou a correr riscos visando ao lucro ou à modernização. Despontam bancos e outras instituições destinadas à mobilização de capital. Crescem os investimentos, notadamente em transportes, comunicações e matérias-primas em que outras nações possam ter um interesse econômico. Alarga-se a órbita do comércio, interna e externamente. E, aqui e ali, aparece a moderna empresa industrial, empregando os novos métodos. Toda essa atividade, porém, se processa em ritmo limitado dentro de uma economia e de uma sociedade ainda caracterizadas sobretudo pelos métodos tradicionais de baixa produtividade, pela estrutura social e pelos antigos valores, bem como pelas instituições políticas com bases regionais que evoluíram com aqueles.

Em muitos casos recentes, por exemplo, a sociedade tradicional persistiu ao lado de atividades econômicas modernas, geridas com objetivos econômicos limitados por uma potência colonialista ou quase-colonialista.

Se bem que o período de transição — entre a sociedade tradicional e o arranco — assistisse a mudanças de vulto, tanto

Caro endogeno

Comércio
método
moderno
por
arranco

na própria economia quanto no equilíbrio dos valores sociais, o aspecto decisivo era amiúde político. Politicamente, a formação de um Estado nacional centralizado eficaz — baseada em coligações matizadas pelo novo nacionalismo, em oposição aos tradicionais interesses regionais agrários, à potência colonialista ou a ambos — foi um aspecto decisivo do período das condições. Isso também foi, quase universalmente, uma condição necessária para o arranco.

Muita coisa ainda tem de ser dita acerca do período das condições, mas reservaremos isso para o capítulo III, onde se examina a transição entre uma sociedade tradicional e uma sociedade moderna.

O Arranco

Atingimos agora um grande manancial da vida das sociedades modernas: a terceira etapa desta seqüência, o arranco. É ele o intervalo em que as antigas obstruções e resistências ao desenvolvimento regular são afinal superadas. As forças que contribuem para o progresso econômico, e que já haviam dado lugar a surtos e ilhotas de atividade moderna, dilatam-se e conseguem dominar a sociedade. O desenvolvimento passa a ser sua situação normal. Os juros compostos como que se integram em seus hábitos e em sua estrutura institucional.

Na Grã-Bretanha, bem como nas partes bem dotadas do mundo povoado principalmente por ela (Estados Unidos, Canadá, etc.), o incentivo próximo para o arranco foi principalmente (mas não inteiramente) tecnológico. No caso mais geral, o arranco aguardou não só a acumulação de capital social fixo e um surto de evolução tecnológica da indústria e da agricultura, mas também o acesso ao poder político de um grupo preparado para encarar a modernização da economia como assunto sério e do mais elevado teor político.

Durante o período do arranco, a taxa real de investimentos e poupança pode subir, digamos, de 5% da renda nacional para 10% ou mais; sem embargo, onde era necessário um maciço investimento de capital social fixo para criar as condições técnicas para o arranco, a taxa de investimento na fase das pre-

condições podia ser superior a 5% como, por exemplo, no Canadá antes de 1890 e na Argentina antes de 1914. Em casos assim, os capitais importados geralmente representam alta proporção do investimento total no período das condições e, às vezes, até mesmo durante o próprio arranco, como na Rússia e no Canadá durante seus surtos ferroviários anteriores a 1914.

No decorso do arranco, novas indústrias se expandem rapidamente, dando lucros dos quais grande parte é reinvestida em novas instalações, e estas novas indústrias, por sua vez, estimulam, graças à necessidade aceleradamente crescente de operários, de serviços para apoiá-las e de outros bens manufaturados, uma ulterior expansão de áreas urbanas e de outras instalações industriais modernas. Todo o processo de expansão no setor moderno produz um aumento de renda nas mãos daqueles que não só economizam a taxas mais elevadas, como também colocam suas economias à disposição dos que se acham empenhados em atividades no setor moderno. A nova classe empresarial se amplia e dirige fluxos aumentados do investimento no setor privado. A economia explora recursos naturais e métodos de produção até então inaproveitados.

Difundem-se novas técnicas agrícolas ou industriais, à medida que a agricultura vai sendo industrializada, e um número cada vez maior de fazendeiros se dispõe a aceitar os novos métodos e as modificações profundas que estes acarretam para seu estilo de vida. As mudanças revolucionárias na produtividade agrícola são condição indispensável ao êxito do arranco, pois a modernização da sociedade aumenta radicalmente seus gastos com produtos da agricultura. Em um ou dois decênios, tanto a estrutura básica da economia quanto a estrutura social e política da sociedade se transformam de maneira tal que, a partir daí, pode ser mantido um ritmo constante de desenvolvimento.

Como se indica no capítulo IV, pode-se atribuir aproximadamente o arranco da Grã-Bretanha às duas décadas após 1783; da França e dos Estados Unidos, a várias décadas precedendo 1860; da Alemanha, ao terceiro quartel do século XIX; do Japão, ao último quartel do século XIX; da Rússia e do Canadá, ao quarto de século imediatamente anterior a 1914; no decênio iniciado em 1950, a Índia e a China, de maneiras assaz diferentes, lançaram-se aos seus respectivos arrancos.

Inst. Luce

crecimento exponencial

*Av -
condição
tecnológica
institucional*

necessidade de um tipo de crescimento

A Marcha para a Maturidade

Após o arranco, segue-se um longo intervalo de progresso continuado, embora flutuante, à medida que a economia agora em firme ascensão procura estender a tecnologia moderna a toda a frente de sua atividade econômica. Cerca de 10 a 20% da renda nacional são investidos continuamente, permitindo à produção ultrapassar regularmente o incremento demográfico. A contextura da economia se modifica incessantemente à medida que a técnica se aperfeiçoa, novas indústrias se aceleram e indústrias mais antigas se estabilizam. A economia encontra seu lugar no panorama internacional: bens anteriormente importados são produzidos localmente; aparecem novas necessidades de importação, assim como novos artigos de exportação para se contraporem. A sociedade estabelece os acordos que deseja com as necessidades da moderna eficiência da produção, balanceando os novos valores e instituições com os antigos, ou revendo estes últimos de forma a auxiliar e a não retardar o processo do crescimento.

Uns 60 anos após o início do arranco (digamos, 40 anos depois do seu término) geralmente se atinge o que se denomina maturidade. A economia, comentada durante o arranco num complexo relativamente estreito de indústria e tecnologia, dilatou seu campo de ação para abranger processos mais apurados e tecnologicamente amiúde mais complexos; por exemplo, pode haver uma deslocação do foco de interesse do carvão, ferro e indústrias de engenharia pesada da fase ferroviária para máquinas-ferramenta, produtos químicos e equipamento elétrico. Esta foi, por exemplo, a transição que a Alemanha, a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos haviam passado no fim do século XIX ou pouco depois disso. Há outros padrões específicos, contudo, que foram seguidos na seqüência do arranco para a maturidade, e que são examinados no capítulo V.

Podemos definir essencialmente a maturidade como a etapa em que a economia demonstra capacidade de avançar para além das indústrias que inicialmente lhe impeliram o arranco e para absorver e aplicar eficazmente num campo bem amplo de seus recursos — se não a todos eles — os frutos mais adiantados da tecnologia (então) moderna. Esta é a etapa em que a economia

diversificação

demonstra que possui as aptidões técnicas e organizacionais para produzir não tudo, mas qualquer coisa que decida produzir. Pode carecer (como a Suécia e a Suíça contemporâneas, por exemplo) das matérias-primas ou de outros fatores de suprimento necessários para produzir economicamente um determinado tipo de produção; sua dependência, todavia, é antes uma questão de opção econômica ou de prioridade política do que uma carência tecnológica ou institucional.

nomine técnico

Historicamente, pareceria que cerca de 60 anos são necessários para uma sociedade avançar do início do arranco até a maturidade. Analiticamente, a explicação desse intervalo assim pode ser encontrada na poderosa aritmética dos juros compostos aplicada ao estoque de capital, combinada com as consequências mais latas da capacidade demonstrada por uma sociedade para absorver a tecnologia moderna de três gerações sucessivas em um regime em que o desenvolvimento é a condição normal. Entretanto, é evidente, não se justifica qualquer dogmatismo a respeito da duração exata do intervalo entre o arranco e a maturidade.

A Era do Consumo em Massa

Chegamos agora à era do consumo em massa, em que, no devido tempo, os setores líderes se transferem para os produtos duráveis de consumo e os serviços: uma fase de que os norte-americanos estão principiando a sair; cujas alegrias, nem sempre nítidas, a Europa ocidental e o Japão estão começando a experimentar, e com a qual a sociedade soviética está flirtando meio contrafeita.

A proporção que as sociedades atingiram a maturidade no século XX, duas coisas aconteceram: a renda real por pessoa elevou-se a um ponto em que maior número de pessoas conseguiu, como consumidores, ultrapassar as necessidades mínimas de alimentação, habitação e vestuário; e a estrutura da força de trabalho modificou-se de maneira tal que não só aumentou a produção da população urbana em relação à total, mas também a de trabalhadores em escritórios ou como operários especializa-

dos — conscientes e ansiosos por adquirir as benesses de consumo de uma economia amadurecida.

Welfare State

Além dessas transformações econômicas, a sociedade deixou de aceitar a ulterior expansão da tecnologia moderna como objetivo supremo. E nessa etapa pós-maturidade, por exemplo, que as sociedades ocidentais, mediante processos políticos, decidiram atribuir recursos cada vez maiores à assistência social. O surto do Estado do Bem-Estar (*welfare state*) é uma manifestação de uma sociedade que marcha para além da maturidade técnica; mas também é nessa etapa que os recursos tendem cada vez mais a ser dirigidos para a produção de artigos de consumo durável e à difusão dos serviços em massa, caso predomine a soberania dos consumidores. A máquina de costura, a bicicleta e, posteriormente, os vários utensílios domésticos elétricos foram gradativamente disseminados. Historicamente, contudo, o elemento decisivo foi o automóvel barato produzido em série com seus efeitos bastante revolucionários — tantos sociais como econômicos — sobre a vida e as expectativas da sociedade.

América Automática

Para os Estados Unidos, o ponto crítico foi, quicá, a linha de montagem móvel de Henry Ford em 1913-1914; foi, porém, na década de 1920, e novamente na do pós-guerra, em 1946-1956, que esta etapa de desenvolvimento foi levada, praticamente, à sua conclusão lógica. No decênio inaugurado em 1950, a Europa ocidental e o Japão parecem haver ingressado plenamente nesta fase, devido em grande parte a um ímpeto de suas economias assaz inesperado nos anos imediatamente seguintes à guerra. A União Soviética está tecnicamente pronta para esta etapa, e, segundo todos os indícios, seus cidadãos mostram-se sequiosos, mas os chefes comunistas enfrentarão difíceis problemas políticos e sociais de ajustamento caso se desencadeie essa etapa.

Para Além do Consumo

Para além daí, é difícil fazer previsões, exceto, talvez, observar que os norte-americanos, pelo menos, se têm comportado neste último decênio como se uma utilidade marginal relativa decrescente se estabelecesse, depois de certo ponto, para os bens duráveis de consumo; e eles escolheram, na margem, maiores

famílias — comportamento esse conforme ao padrão da dinâmica dos Buddenbrooks.¹ Os norte-americanos vêm agindo como se, tendo nascido em um sistema que garante segurança econômica e consumo em massa, atribuíssem escasso valor à aquisição de acréscimos adicionais à renda real sob a forma convencional, em contraste com as vantagens e os valores de uma família maior. Mas, ainda nesta aventura de generalização, é um tanto cedo para criar — baseando-nos em um único caso — uma nova etapa de desenvolvimento, fundamentada em crianças, para suceder à dos bens duráveis de consumo: como diriam os economistas, a relação elasticidade-renda da procura de filhos talvez varie de uma sociedade para outra. Sem embargo, é verdade que as consequências do grande surto de bebês a par do *deficit* não de todo desconexo de capital social têm mais probabilidades de dominar a economia norte-americana da próxima década do que a ulterior difusão de bens duráveis de consumo.

Eis, assim, sob uma forma mais impressionista do que analítica, as etapas de desenvolvimento que se pode distinguir logo que a sociedade tradicional comece a modernizar-se: o período de transição em que as condições para o arranco são criadas, geralmente como reação à intromissão de uma potência estrangeira, concomitantemente com certas forças nacionais que favorecem a modernização; o arranco propriamente dito; a marcha para a maturidade, que via de regra abarca a vida de mais duas gerações; e a seguir, finalmente, se o aumento da renda acompanhou a disseminação do virtuosismo técnico (o que, segundo veremos, não precisa conseguir imediatamente), o desvio da economia totalmente amadurecida para proporcionar produtos duráveis de consumo e serviços (assim como o Estado do Bem-Estar) para sua população cada vez mais urbana — e posteriormente suburbana.² Além desse ponto, jaz a questão de saber se surgirá

¹ No romance de Thomas Mann sobre três gerações, a primeira procurava fortuna; a segunda, nascida já endinheirada, procurava posição social e cívica; a terceira, que conheceu desde o berço o conforto e o prestígio social, buscou realizar-se na música. A frase é indicada para sugerir, assim, as mudanças de aspirações das gerações, visto darem pouco valor ao que aceitam como natural e procurarem novas formas de satisfação.

² Nas modernas metrópoles norte-americanas, é marca de prestígio social viver nos subúrbios, isto é, em pequenas cidades dos arredores do grande centro urbano, estritamente residenciais e hierarquizados. (N. do T.)

ou não uma estagnação espiritual secular e, em caso afirmativo, como pode o homem afastá-la: um tema apreciado no capítulo VI.

Nos quatro capítulos seguintes examinaremos com maior minúcia e rigor as condições, o arranco, a marcha para a maturidade e os processos que conduziram à era do consumo em massa. Entretanto, ainda neste capítulo introdutório deve ser esclarecida uma característica deste sistema.

Uma Teoria Dinâmica da Produção

Estas etapas não são meramente descritivas. Não são apenas um modo de generalizar certas observações de fatos acerca da seqüência do desenvolvimento das sociedades modernas. Posuem elas uma lógica e uma continuidade interiores; têm um arcabouço analítico, enraizado numa teoria dinâmica da produção.

A teoria clássica da produção é formulada partindo de hipóteses essencialmente estáticas que imobilizam — ou só lhes permitem uma única alteração — as variáveis mais relevantes do processo do desenvolvimento econômico. Ao procurarem os economistas modernos fundir a teoria clássica da produção com a análise da renda de autoria de Keynes, introduziram as variáveis dinâmicas: população, tecnologia, iniciativa, etc. Contudo, tenderam a fazer isso de modo tão rígido e genérico que seus modelos não podem dar conta dos fenômenos essenciais do desenvolvimento, segundo aparecem aos olhos de um historiador econômico. Precisamos de uma teoria dinâmica da produção que não só isole a distribuição da renda entre consumo, poupança e investimento (e o equilíbrio da produção entre bens de consumo e bens de produção), mas que focalize diretamente e com certo pormenor a composição do investimento e as transformações ocorridas dentro de setores particulares da economia. A argumentação que se segue baseia-se em uma teoria da produção assim flexível e específica.

Quando dilatamos os lindes convencionais da teoria da produção, é possível definir posições de equilíbrio teórico não só para a produção, o investimento e o consumo tomados em conjunto, mas para cada setor da economia também.³

³ W. W. Rostow, *The Process of Economic Growth* (Oxford, 1953), especialmente cap. IV. Também, "Trends in the Allocation of Resources

Dentro do arcabouço estabelecido por forças que determinam o nível total da produção, posições ideais dos setores são determinadas relativamente à procura, pelos níveis de renda e de população, e pela natureza dos gostos; relativamente à oferta, pela situação da tecnologia e pela qualidade da capacidade empresarial, já que a última determina a proporção de inovações tecnicamente disponíveis e potencialmente lucrativas deveras incorporadas ao estoque de capital.⁴

Ademais, deve-se introduzir uma hipótese empírica extremamente significativa: a de que a desaceleração é o caminho normal ideal de um setor, devido à variedade de fatores que influem dentro dele, tanto relativamente à oferta quanto à procura.⁵

Os balanceamentos que provêm da aplicação desses critérios constituem um conjunto de opções setoriais, do qual se origina, como primeira derivada, uma seqüência de padrões ideais de investimento.

Os modelos históricos de investimento não obedeceram, está claro, exatamente a esses padrões ideais. Foram deturpados por imperfeições no processo do investimento privado, por orientações dos governos e pelo impacto das guerras. As guerras alteraram temporariamente as direções lucrativas de investimento, ao criarem procuras arbitrárias e ao modificarem as condições da oferta; destruíram capital e, ocasionalmente, aceleraram a criação de nova tecnologia importante para a economia de tempo de paz, além de modificarem a estrutura política e social em condições propícias ao desenvolvimento de tempo de paz.⁶ A seqüência histórica dos ciclos econômicos e tendências a longo prazo resulta desses desvios dos padrões reais em face daquelas considerações ótimas; e essas flutuações, a par do impacto das guerras, dão lugar a caminhos históricos de desenvolvimento que diferem da-

in *Secular Growth*", cap. 15 de *Economic Progress*, organizado por Leon H. Dupriez, com a colaboração de Douglas C. Hague (Louvain, 1955).

⁴ Em um modelo fechado, uma teoria dinâmica da produção tem de levar em conta, como aspectos específicos de investimento, os recursos variáveis de ciência básica e aplicada, o que é feito em *The Process of Economic Growth*, especialmente págs. 22-25.

⁵ *Process of Economic Growth*, págs. 96-103.

⁶ *Process of Economic Growth*, cap. VII, especialmente págs. 164-167.

queles que os caminhos ideais, calculados *a priori*, teriam suscitado.

Não obstante, a história econômica das sociedades em crescimento deve parte de sua forma tosca ao esforço das sociedades para se aproximarem dos caminhos setoriais ótimos.

Em qualquer época, o ritmo de desenvolvimento dos setores varia grandemente; é possível isolar empiricamente certos setores líderes, nos estágios iniciais de sua evolução, cujo rápido ritmo de expansão exerce papel essencial, direto e indireto, na manutenção do ímpeto global da economia.⁷ Para determinados fins é útil caracterizar uma economia em função de seus setores líderes, e uma parte da base técnica das etapas de desenvolvimento consiste na seqüência mutável desses setores. Em suma, o fato de tais setores tenderem a mostrar uma fase de crescimento rápido, bem no princípio, é que possibilita e torna útil olhar a história econômica antes como uma sucessão de etapas do que como um simples contínuo, no qual a natureza nunca dá saltos.

As etapas do desenvolvimento também impõem, no entanto, que sejam levadas em conta as elasticidades da procura e que este assaz conhecido conceito seja ampliado. Isso porque estas fases de crescimento setorial rápido não provêm unicamente da descontinuidade das funções de produção, mas também das elevadas elasticidades-preço ou elasticidades-renda da procura. Os setores líderes não são determinados unicamente pela mudança do fluxo da tecnologia e da disposição dos homens de empresa para aceitar inovações existentes: são determinados ao mesmo passo pelos tipos de procura que demonstraram alta elasticidade com relação a preços, a renda ou a ambos.

A procura de recursos, sem embargo, não resultou exclusivamente das procuras estabelecidas pelo gosto e pela escolha dos particulares, senão também das decisões sociais e da política dos governos — democraticamente responsáveis ou não. É preciso, por conseguinte, encarar as escolhas feitas pelas sociedades quanto ao destino a dar a seus recursos em termos que ultrapassam os processos mercantis convencionais. Cumpre ter em vista suas

⁷ Para um exame dos setores líderes, suas conseqüências diretas e indiretas e os diversos rumos de seu impacto, ver "Trends in the Allocation of Resources in Secular Growth", *loc. cit.*

funções assistenciais, no mais lato sentido, inclusive os processos não-econômicos que as determinaram.

A tendência dos índices de natalidade, por exemplo, representa uma forma da escolha do bem-estar feita pelas sociedades com a variação da renda, e as curvas demográficas refletem (a par das variações das taxas de mortalidade) como o cálculo do tamanho da família foi feito nas várias etapas. Partindo do declínio usual (mas não universal) da natalidade, durante ou pouco depois do arranco, à medida que a urbanização se impôs e o progresso se tornou uma possibilidade palpável, até a recente alta, os norte-americanos (e outros em sociedades de consumo em massa) parecem ter procurado em famílias maiores outros valores que não os assegurados pela segurança econômica e por uma vasta disponibilidade de bens duráveis de consumo e serviços.

Há outras decisões, analogamente, que as sociedades têm tomado quando as escolhas com que se defrontam são alteradas pelo processo do desenvolvimento econômico em plena marcha. Estas latas decisões coletivas, determinadas por muitos fatores — cujas raízes são encontradas na História, na cultura e no processo político ativo — alheios ao mercado, têm interagido com a dinâmica da procura do mercado, a disposição para correr riscos, a tecnologia e a iniciativa, a fim de precisar o conteúdo específico das etapas de desenvolvimento para cada sociedade.

Como, por exemplo, deveria a sociedade tradicional reagir ante a intromissão de uma potência mais adiantada: com coesão, presteza e vigor, como os japoneses; fazendo da fraqueza força, como os irlandeses do século XVIII; alterando lenta e relutantemente sua estrutura, como os chineses?

Quando é alcançado o *status* de nação moderna e independente, qual o destino a dar às energias nacionais: agressão externa, para reparar erros antigos ou para explorar possibilidades recém-criadas ou recém-percebidas de aumento do poder nacional; coarçamento e consolidação da vitória política do novo governo nacional sobre primitivos interesses regionais; ou modernização da economia?

Uma vez em marcha o desenvolvimento, com o arranco, até que ponto as exigências de difundir a tecnologia moderna e acelerar o ritmo de crescimento deverão ser moderadas pelo desejo de incrementar o consumo *per capita* e o bem-estar?